

SINTONIA FINA

# Leila Reis



“Regina Casé e Rolando Boldrin resgatam o Brasil exilado da TV. Em dois fronts, prestam bom serviço ao País”

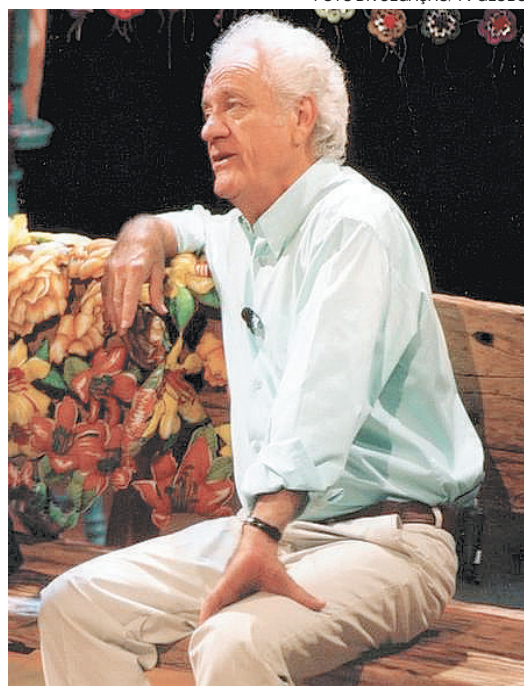
## O pop do povo na TV

**A** TV é um veículo tão forte neste país que qualquer coisa para valer a pena tem que passar por ela. Por isso a batalha para aparecer no vídeo é tão grande. Que o diga a produção de Jô Soares. A fila de candidatas para sentar na poltrona é tão imensa que seria capaz de abraçar o lago do Ibirapuera. Aparecer na TV em condição de prestígio – não vale ser esculhambado em pegadinhas e nem em barcos de auditório – referenda a figura para uma parcela da população que não poderia ser atingida de outro modo. Por isso o veículo é o principal alvo de quem precisa vender. Dentro dessa perspectiva, não raro – e é de muito tempo – o público deparar-se com um personagem do showbiz em vários canais na mesma hora. Lembra da época do É o T'chan, do estouro Sandy e Júnior, Chitãozinho e Xororó? Os domingos eram infernais... Como a história do biscoito, não se sabia se eles estavam na TV porque eram populares ou se eram populares porque estavam na TV.

Quando acompanhamos a saga de Regina Casé no *Fantástico* e descobrimos artistas que arrastam a massa independentemente da mídia, nos surpreendemos. O grupo de samba duro da Bahia, o trio que faz humor e toca vunerão no Rio Grande do Sul, o DJ techno-brega do Pará, a funkeira da Cidade de Deus (RJ), o cantor de lambadaço de Fortaleza vêm comprovar que a mídia não é a única que cria o sucesso. Brasileiros anônimos (porque não haviam passado pela TV em rede nacional até então) se apresentaram para 15 mil fãs ou mais em suas regiões, onde são tratados como ídolos. E são. Com o quadro *Mercadão de Sucessos*, como uma espécie de arqueóloga da cultura popular, Regina escava e apresenta para o resto do País a produção artística “informal”, que não passa pelos canais oficiais, mas passa bem à sua própria custa. Rolando Boldrin, na TV Cultura, faz algo parecido no *Sr. Brasil* (ex-*Som Brasil*, *Empório Brasil* e *Estação Brasil*, de outros canais).

Sentado em um banquinho no cenário que imita venda do interior, Boldrin chama para o vídeo artistas emblemáticos da cultura brasileira que, pelas regras exóticas do showbiz, não freqüentam a TV. Ao contrário do frenesi de Regina Casé, *Sr. Brasil* não

FOTO DIVULGAÇÃO/TV GLOBO



**Roceiro** – Boldrin puxa a língua do entrevistado

tem pressa. Naquela hora da noite (22 horas, terça-feira) na Cultura, a cadência é mansa.

**C**omo um bom roceiro, Boldrin puxa a língua do seu convidado lembrando, ele próprio, algumas histórias que chama de “causos”. Luís Vieira, desaparecido há décadas do vídeo, conta histórias do começo de carreira em 1953, canta seus hits, diverte a si mesmo e à pequena platéia. Assim comportam-se os artistas na casa de Boldrin. Desde julho, excluídos da concorrência demonstram com visível satisfação que estão tinindo. Têm o que contar e cantar: Germano Mathias, Teresa Cristina, Ney Matogrosso, Dominginhos, Demônios da Garoa, Zeca Baleiro. Do samba à moda de viola, do xote ao partido alto, cabe tudo no *Sr. Brasil*. E o público responde. Só é vetada a baixa qualidade. O programa está entre as seis maiores audiências noturnas da Cultura. Em dois fronts, Regina e Boldrin prestam um bom serviço ao País. Com linguagens diferentes, estão levando para a TV manifestações artísticas que, não fossem eles, estariam exiladas dentro de casa.